

Senado Federal

Celso Junior/AE

QUEBRA DE DECORO



QUINTANILHA (D), AO LADO DE CASAGRANDE: DIA DE NEGOCIAÇÕES PARA A ESCOLHA APERTADA DO PEEMEBISTA DE TOCANTINS

OPLACAR

9 X 6

Dos 16 integrantes do colegiado, apenas o senador Jefferson Péres (PDT-AM) faltou à votação

Vitória de alto risco

GUSTAVO KRIEGER E
GUILHERME QUEIROZ

DA EQUIPE DO CORREIO

O presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), obteve uma vitória no Conselho de Ética da casa, mas com um alto preço político. Depois de um dia cheio de articulações, recuos e ameaças, conseguiu emplacar um aliado na presidência do conselho, o colega Leomar Quintanilha (PMDB-TO). Mas corre o risco de ver escolhido como relator de seu caso um senador em quem não confia: Renato Casagrande (PSB-ES). Ontem à noite, no discurso em que pediu votos dos integrantes do conselho, Quintanilha convidou publicamente Casagrande a relatar o caso Renan. O parlamentar capixaba respondeu hoje. Renan e seus aliados torcem que ele não aceite. Casagrande tem sido um dos senadores do bloco governista mais resistentes às manobras para arquivar as acusações contra o presidente do Senado.

O PMDB foi obrigado a fazer o convite a Casagrande para contornar os

estragos causados pelo surpreendente lançamento da candidatura do tucano Artur Virgílio (AL) à presidência do conselho. A candidatura foi articulada pela manhã, em uma reunião da bancada do PMDB. Influenciados pelos governadores de São Paulo, José Serra, e de Minas Gerais, Aécio Neves, os tucanos decidiram propor uma solução que destravasse o caso de Renan e ao mesmo tempo preservasse a imagem do Senado.

A idéia era lançar Virgílio à presidência e indicar o petista Aloizio Mercadante (SP) como relator. Os dois são amigos pessoais de Renan e foram vistos como bons interlocutores com ele. A tática era garantir que o presidente do Senado tivesse amplo direito de defesa, mas ao mesmo tempo colocar no comando do processo dois políticos capazes de convencê-lo a renunciar ao comando do Congresso caso a situação se tornasse insustentável.

Mercadante aceitou a idéia e tentou articulá-la, mas esbarrou na resistência do PMDB que viu nela uma espécie de armadilha (leia mais na página 3) e de setores do PT. Os senadores governistas consideraram arriscado demais

entregar a presidência do conselho a um parlamentar da oposição. "Esse é um cargo eleito com mandato de dois anos e ninguém sabe que outros processos poderão aparecer nos próximos meses", disse a líder do PT, Ideli Salvatti (SC). Parlamentares próximos ao senador Joaquim Roriz (PMDB-DF) também resistiram. Ele pode ser o próximo processado pelo Conselho de Ética e quer ter um aliado no comando do processo. O líder do PMDB, Valdir Raupp (RO) foi o principal porta-voz dessa resistência.

Virgílio decidiu manter a candidatura e recebeu apoio de outro partido de oposição, o DEM. Assim, sua candidatura, que poderia ter sido de consenso, virou de oposição. Enquanto isso, o PMDB não conseguia encontrar um candidato. Raupp ofereceu o cargo a Mercadante, mas exigiu que ele indicasse o senador Almeida Lima (PMDB-SE) para relator do caso Renan. O petista recusou.

O PMDB tentou articular a candidatura de Almeida Lima à presidência, mas desistiu porque ele poderia não ter os votos de Casagrande e do petista Eduardo Suplicy (SP). Se os

dois passassem para o lado de Virgílio, o tucano seria eleito. Como o voto era secreto, o perigo era grande. A saída foi escolher Quintanilha, um nome mais palatável. Na sessão do conselho, Virgílio surpreendeu de novo ao dizer que, se eleito, convidaria Suplicy para ser o relator. Quintanilha teve de fazer um gesto semelhante e convidou Casagrande. A mistura no discurso dos candidatos era tão grande, que ao anunciar o resultado da votação, o senador Adelmir Santana (DEM-DF) confundiu-se e proclamou a vitória de "Arthur Quintanilha", o que provocou um raro momento de descontração.

Os governistas votaram unidos e Leomar Quintanilha venceu por nove votos a seis. Isso mostra que Renan tem uma vantagem apertada no conselho. Aos seis eletores de Virgílio soma-se o senador Jefferson Péres (PDT-AM), defensor do afastamento de Renan. Casagrande e Suplicy continuam a ser os votos decisivos e Renan não confia neles. Tentará enquadrá-los com ajuda do Palácio do Planalto. Outra vitória de Renan foi a substituição de Valter Pereira (PMDB-SE) por Almeida Lima no Conselho de Ética.